



PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS POR COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO SERTÃO DO PAJEÚ

Israel Luís Diniz Carvalho¹
israel.carvalho@upe.br
Milena Evangelista dos Santos¹
milena.evangelistasantos@upe.br
Maiara Bernades Marques¹
maiarabernades.marques@upe.br
Moan Jéfter Fernandes Costa²
moan.jeften@upe.br
Pedro Henrique Sette-de-Souza^{1,2}
pedro.souza@upe.br

¹ Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental, Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns

² Curso de Bacharelado em Odontologia, Universidade de Pernambuco - Campus Arcoverde

INTRODUÇÃO

Durante dois séculos o Brasil traficou inúmeros africanos durante o período do tráfico negreiro (Silva, 2023). A esses sujeitos eram impostas diversas formas de violências, o que impulsionava a fuga, buscando e construindo espaços seguros longe de suas amarras (Sousa, 2021). Assim, surgindo os espaços que viriam a ser conhecidos como quilombos, fortalezas de resistência e luta, mas também de preservação da identidade africana, da cultura e perpetuação do conhecimento adquirido das vivências no Brasil e dos seus ancestrais (Silva, 2022). Assim, o compartilhamento do conhecimento tradicional sobre o uso medicinal da vegetação nativa fortalece o vínculo entre os comunitários, preservando a cultura e tradições, além de contribuir para a preservação ambiental (Yoshida; Penna, 2021). Deste modo, plantas medicinais permanecem como uma alternativa à medicina convencional, devido ao distanciamento entre os sujeitos e os serviços de saúde (SILVA, 2019). A Caatinga é o principal bioma dos quilombos presentes no Nordeste Brasileiro, que possui características que desafiam as suas sobrevivências, devido ao clima semiárido, conhecido por baixa pluviosidade e altas temperaturas (Oliveira, 2023). A erosão dos saberes tradicionais quilombolas é um fator de risco para a sua existência, sendo necessário estabelecer meios que registrem e resgate o tesouro imaterial presentes nessas comunidades (Conceição; Alves; Cavalcante, 2019). Os estudos etnobotânicos e etnofarmacológicos, mostram-se aliados a proteção do conhecimento, abarcam saberes de povos tradicionais sobre o uso da fauna e flora para fins medicinais, sujeitos, cultura e a sua relação com o meio ambiente, resgatando o conhecimento desses grupos e fortalecendo suas tradições (Leão; Campelo; Silva, 2021). Assim, o presente projeto buscou investigar a etnofarmacologia das plantas utilizadas por Comunidades Quilombolas, buscando produzir conhecimentos acadêmicos que permitam a preservação à erosão desses saberes, das plantas identificadas e da Caatinga. Dessa forma, se pretende construir uma ponte entre os sujeitos e os profissionais de saúde compartilhando informações e aumentando a eficácia e a segurança dos medicamentos fitoterápicos através do conhecimento etnobotânico.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo observacional de caráter exploratório, de abordagem quanti-qualitativa. A amostra populacional foi realizada em caráter censitário, em três comunidades do Sertão do Pajeú em Pernambuco. A coleta de dados foi realizada pelo método conhecido como “Bola de Neve”. As plantas citadas foram agrupadas em categorias de uso de acordo com os sistemas corporais da Classificação Internacional de Assistência Primária (CIAP 2). O Valor de Uso (VU) foi calculado utilizando a fórmula $VU = \Sigma U/n$, em que ‘U’ corresponde ao número de usos mencionados por cada informante para cada espécie, ‘n’ corresponde ao total de informantes. A Importância Relativa (IR) foi calculada através da



fórmula $IR = NCS + NP$, em que NCS é o número de sistemas corporais tratados de dada espécie dividido pelo número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil; enquanto NP é o número de propriedades farmacológicas atribuídas para a espécie dividido pelo número total de tipos de uso atribuídos para a espécie mais utilizada, independente do número de informantes. O projeto foi submetido ao CEP da Universidade de Pernambuco (UPE) e aprovado com o número do parecer 6.222.757.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas 17 entrevistas, que aconteceram em três comunidades, situadas em Triunfo - PE (Santa Rosa e Águas Claras) e em Flores - PE (Cavallhada). Em relação à cor/raça, 12 entrevistados se autodeclararam pretos (70,6%) e 5 pardos (29,4%). Em relação ao gênero, 13 responderam como feminino (76,5%) e apenas 4 como masculino (23,5%). Os entrevistados majoritariamente são idosos acima de 60 anos, distribuídos entre as faixas etárias: 30 a 39 anos (11,8%), 50 a 59 anos (23,6%), 60 a 69 anos (11,8%), 70 a 79 anos (23,6%), 80 a 89 anos (17,7%) e dois sujeitos com 90 anos (11,8%). Apontando assim a concentração dos saberes tradicionais em mulheres idosas. A mulher quilombola é uma peça central para manutenção dessas comunidades, pois são alçadas ao papel de cuidadora, pilar familiar e detentoras dos saberes e tradições do seu povo (Souza *et al.*, 2023). A elas, é posta a função de transmitir o que foi ensinado por suas mães e avós, no entanto, devido a saída dos jovens dos territórios e a falta de interesse dos remanescentes agrava a erosão dos conhecimentos tradicionais, cristalizando estes aos mais velhos (Conceição; Alves; Cavalcante, 2019). Nas três comunidades foi encontrada uma diversidade de plantas que são utilizadas como medicamentos e indicações terapêuticas, totalizando 119 plantas relatadas e 116 indicações. Resultado esperado devido a rica biodiversidade encontrada na Caatinga, que permite a existência dessas comunidades (Reis *et al.*, 2023). Entre essas foram produzidas 73 exsicatas tombadas no herbário do Parque das Dunas, identificadas 45 espécies que estão distribuídas em 27 famílias botânicas. Entre as primeiras encontramos: Lamiaceae (11%), Euphorbiaceae (9,6%) Rutaceae (9,6%). A família Lamiaceae destaca-se nesse e em outros estudos, devido às suas características medicinais e aromáticas únicas, as espécies desta família são conhecidas por seus óleos essenciais e por seu uso como antimicrobiano e anti-inflamatório (Fernandes *et al.*, 2023; Silva *et al.*, 2021). Entre as plantas que possuem o maior VU encontramos: Jurema preta (VU=4,00), Velame (VU=4,00), Juazeiro (VU=3,33), Mastruz (VU=3,19), Alecrim do serrote (VU=3,00), Coco-de-Praia (VU=3,00), Quixabeira (VU=2,75), Boldo (VU=2,63) e Manjerição (VU=2,50). Entre as plantas que possuem a maior IR: Laranja (IR=1,58), Alecrim do serrote (IR=1,53), Mastruz (IR=1,38), Boldo (1,32), Quixabeira (IR=1,22), Alecrim (IR=1,21), Gengibre (IR=1,03), Hortelã (IR=0,98), Erva Cidreira (IR=0,98) e Malva Santa (IR=0,97). Entre as duas listas, apenas quatro plantas aparecem entre as dez principais segundo o VU e IR, sendo elas: Alecrim do serrote, Boldo, Mastruz e Quixabeira. O Boldo e o Mastruz são reconhecidos como uns dos principais aliados dos remanescentes quilombolas, são conhecidos por serem utilizados para tratar doenças hepáticas e problemas inflamatórios (Santos *et al.*, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pluralidade de plantas encontradas assim como os seus diversos usos terapêuticos indicam o potencial da descoberta de novos fármacos a partir da Caatinga. Reiterando a importância dos estudos etnofarmacológicos nas Comunidades Quilombolas do sertão do Pajeú, para proteção dos saberes tradicionais, devido à erosão dos mesmos. Além disso, a realização de estudos etnobotânicos constrói novos caminhos para que outros sejam desenvolvidos e a ponte entre o saber popular e científico, elevando a visibilidade das mesmas.

PALAVRAS-CHAVE: Etnobotânica. Quilombolas. Saúde. Interdisciplinaridade.

AGRADECIMENTOS



Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de PE - FACEPE - IBPG-1888-4.00/22 (I.L.D.C), bem como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – 88881.692858/2022-01 (P.H.S.S.) e 88887.798320/2022-00 (M.B.M.) do PDPG-POSDOC (Programa de Pós-Doutorado Estratégico).

Referências

- CONCEIÇÃO, D.; ALVES, N. L.; CAVALCANTE, V. C. Mulheres idosas quilombolas do oiteiro – suas histórias, culturas e resistências. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 11, p. 27081–27093, 2019.
- FERNANDES, T. F. et al. Use of plants from the Lamiaceae family against skin infections: Uso de plantas da família Lamiaceae contra infecções de pele: uma revisão integrativa. **Concilium**, v. 23, n. 21, p. 770–785, 28 nov. 2023.
- LEÃO, M. C. B.; CAMPELO, Y. D.; SILVA, L. L. D. A. Etnofarmacologia como terapia complementar na atenção básica: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, p. e427101321593, 18 out. 2021.
- OLIVEIRA, R. J. Territórios quilombolas em cidades negras no Brasil: primeiras observações censitárias para as políticas públicas. **ODEERE**, v. 8, n. 3, p. 140–159, dez. 2023.
- REIS, H. S. et al. Plantas medicinais da Caatinga: uma revisão integrativa dos saberes etnobotânicos no semiárido nordestino. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 2, p. 874–900, 30 mar. 2023.
- SANTOS, T. G. D. et al. Ethnopharmacological analysis of medicinal plants in a quilombola community: emphasis on chronic diseases. **Cogitare Enfermagem**, v. 28, p. e88742, 2023.
- SILVA, G. B. **Comunidades quilombolas: o reconhecimento e a autoidentificação frente ao processo de globalização e a massificação cultural**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2023, v. 5.
- SILVA, A. F. D. et al. Etnobotânica de plantas medicinais aromáticas: preparações e usos da flora local em cinco comunidades rurais localizadas na região do Baixo Tocantins, Pará, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, p. e9510111284, 4 jan. 2021.
- SILVA, G. M. Por outras epistemologias: os quilombos como espaços de construção de conhecimentos. **Revista de Estudos em Relações Interétnicas | Interethnica**, v. 23, n. 1, p. 100–27, abr. 2022.
- SILVA, J. S. Saber tradicional etnobotânico na comunidade Quilombola do Cedro no Sudoeste de Goiás. **Extensão Rural**, v. 26, n. 2, p. 17, 26 jun. 2019.
- SOUSA, C. Estratégias discursivas e retórica colonial na narrativa jornalística do conflito entre quilombolas e clã. **Humanidade & Inovação, Análise do Discurso: o que é e como se faz?**, v. 7, n. 1, p. 198–211, jan. 2021.
- SOUZA, A. G. D. J. et al. Mulheres idosas quilombolas: memória, identidade e transmissão da cultura em território quilombola. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 16, n. 6, p. 3847–3867, jun. 2023.
- YOSHIDA, C. Y. M.; PENNA, M. C. V. M. Patrimônio histórico-cultural. **Revista DIREITO UFMS**, v. 7, n. 1, 2021.